

---

## Arte Contemporânea Caiçara

*Caiçara Contemporary Art*

Márcio Barreto (Mestre em Filosofia na Área de Estudos Culturais, EACH – USP)

### Resumo

Com o objetivo de caracterizar o pensamento que envolve a arte contemporânea caiçara, neste artigo abordo seu surgimento e desenvolvimento na Baixada Santista, SP, no período de 2008 a 2024, através do Imaginário Coletivo de Arte e seu campo de atuação cultural e artístico, discutindo seus impactos no campo simbólico (Bourdieu, 2003), da região e as novas configurações culturais advindas de seu surgimento, cujos processos criativos pautam-se na ressignificação de signos identitários, na reconstrução de memórias coletivas e no uso da multilinguagem artística, fornecendo uma produção de saberes e fazeres capaz de alterar a percepção de si e do outro, no sentido de resgatar o que nos torna únicos, enquanto identidade coletiva, em meio a pasteurização de culturas hegemônicas.

**Palavras-Chave:** arte contemporânea caiçara, tradição e experimentalismo, identidade e cultura.

### Abstract

*This article aims to characterize the thought processes surrounding caiçara contemporary art, focusing on its emergence and development in the Baixada Santista region, São Paulo, from 2008 to 2024. Through the lens of the Collective Imagination of Art and its cultural and artistic scope, the discussion delves into its impacts on the region's symbolic field (Bourdieu, 2003) and the new cultural configurations arising from its inception. The creative processes of this movement are grounded in the re-signification of identity symbols, the reconstruction of collective memories, and the use of multilingual artistic expression. These practices generate knowledge and craftsmanship capable of transforming perceptions of self and others, aiming to reclaim what makes us unique as a collective identity amidst the homogenization of hegemonic cultures.*

### Keywords

*Caiçara contemporary art, tradition and experimentation, identity and culture.*

### 1 Introdução

Em um mundo avassalador para as culturas locais, cujos impactos são previamente pensados para influenciar e padronizar o comportamento social, procuro discutir se o revisionismo histórico da cultura tradicional caiçara possibilita a criação de novas auto-representações identitárias e artísticas, como um movimento contrário às hegemonias. Para tal, observo como a cultura caiçara foi ressignificada dentro do território urbano em manifestações que uniram tradição e experimentalismo. Relato o surgimento e desenvolvimento da arte contemporânea caiçara, movimento cultural nascido na Baixada Santista em 2008 e liderado pelo Imaginário Coletivo de Arte. Os anexos

reunidos possibilitam a análise da linha do tempo deste movimento, no sentido de documentar suas manifestações culturais e artísticas, bem como os impactos causados no campo simbólico (Bourdieu, 2003) da região. Nesse sentido, a pesquisa está baseada em relatos, críticas, resenhas e matérias jornalísticas produzidas por artistas e pesquisadores da arte contemporânea caiçara, como os escritores Marcelo Ariel (2015), Flávio Viegas Amoreira (2018) e o jornalista Marcus Vinicius Baptista (2012).

Assim, procuro investigar se uma cultura local pode ter sua identidade transformada a partir da reconstrução e reinterpretção de suas memórias e de sua história, ao ponto

de expandir os conceitos que delineiam seu modo de ser e viver. A observação participante tornou-se fundamental para a pesquisa que, para além do estudo da cultura e identidade caiçara, procurou alterá-la para estudar as possíveis recombinações de seu campo simbólico (Bourdieu, 2003) e as implicações que essas transformações provocam, ou não, em seu modo de vida e de auto-representação identitária. Como referencial teórico, utilizo os conceitos sobre cultura, identidade e memória que compõem o campo dos Estudos Culturais desenvolvido por pesquisadores como Stuart Hall (2006) – quanto às questões identitárias, Pollak (1989) em seus estudos sobre a memória e Bourdieu (2003) sobre a construção do *habitus*. Há outros autores que compõem o arcabouço teórico como Roy Wagner (2006) e seus estudos sobre a cultura, bem como as considerações produzidas Renato Ortiz (2003) quanto aos impactos da globalização nas culturas locais. A variedade de autores representa a possibilidade de uma visão múltipla sobre o objeto de estudo, ao relacionar diferentes fontes teóricas que dialogam entre si, se complementam e algumas vezes se contradizem.

## 2 Transcontemporaneidade Caiçara

Na Baixada Santista, devido ao acelerado crescimento urbano, muito da memória caiçara foi apagada, cujos elementos culturais que a formam, ainda que vivos no presente, foram desconectados de sua origem. Essa disrupção provocou um distanciamento sobre a identidade caiçara, dificultando o autorreconhecimento e relegando-o a um estado inconsciente, o que pode ser observado até a primeira década do século XXI, período em que não nos autorreconhecíamos como caiçaras. Dessa forma, foi necessária a criação de uma nova cultura caiçara, capaz de preencher as lacunas deixadas pela história oficial e que permitisse a construção de um cenário que valorizasse, não somente a cultura tradicional, mas também, uma cultura que fosse expandida, reconhecível e pudesse ser vivenciada no território urbano. Assim, a partir de 2008, iniciei uma série de eventos culturais e projetos continuados de arte-educação, tais como: Sarau Caiçara (realizado desde 2008, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro), Encontro de Cultura Caiçara (São Vicente e Santos, SP, 2008, 2009), Mostra de Arte Contemporânea Caiçara (Santos, SP, 2010, 2011, 2016), Virada Caiçara (São Vicente, SP, 2010), Encontro de Cultura Caiçara Paraty/São Vicente,

(Paraty, RJ, 2009), Semana da Cultura Caiçara de Santos (Santos, SP, 2014 a 2023), Semana da Cultura Caiçara de São Vicente (São Vicente, SP, 2017 a 2023). Empenhei-me na criação de leis que garantissem debates e reflexões em torno de nossa cultura, como a Lei 2.290/2013 (Semana da Cultura Caiçara de Santos), Lei 3.312-A/2015 (Semana da Cultura Caiçara de São Vicente), Lei 4.095/2014 (Semana da Cultura Caiçara de Guarujá), Lei 1.807/2016 (Semana da Cultura Caiçara de Praia Grande) e a Lei 16.290/2016 que instituiu o Dia do Caiçara no calendário oficial do Estado de São Paulo (comentada no capítulo anterior). Para a realização destes projetos, criei o Imaginário Coletivo de Arte (produção cultural), o Instituto Ocanoia (pesquisa e divulgação da cultura caiçara), o Projeto Canoa (educação social e arte-educação), as editoras Imaginário Coletivo (selo) e Edições Caiçaras (artesanal), o coletivo Percutindo Mundos (música), o Núcleo de Pesquisa do Movimento (dança), o Teatro Canoa (artes cênicas) e a produtora de cinema independente Ocanoia Filmes. Os coletivos permitiram não só a produção, realização e documentação da cultura caiçara contemporânea, como também geraram uma profunda troca de conhecimentos e fazeres entre artistas, pesquisadores e público, atingindo milhares de pessoas através de eventos culturais, como festivais, lançamentos de livros, produção de filmes, espetáculos de música, dança e teatro, debates, palestras e seminários. Esses eventos, somados e continuados, geraram novos impactos sobre o imaginário coletivo da região, reconstruindo memórias fragmentadas e possibilitando o autorreconhecimento sobre a identidade caiçara, em seu âmbito político e histórico, dado importante para a construção de ações afirmativas que visam eliminar as desigualdades e segregações sociais.

A configuração de uma cultura e arte contemporânea caiçara, cujos processos criativos pautam-se na resignificação de signos identitários, na reconstrução de memórias coletivas e no uso da multilinguagem artística, fornece uma produção de saberes e fazeres capaz de alterar a percepção de si e do outro, no sentido de resgatar o que nos torna únicos em meio a pasteurização das culturas. Pensar as culturas e identidades em um plano de horizontalidade, livre das categorizações, hierarquizações e hegemonias, é um modo de luta contra o etnocentrismo e seus decorrentes preconceitos

e segregações, uma ação afirmativa contra a normalidade que permite as desigualdades sociais, a exploração e a miséria. Nesse sentido, expandir ao âmbito mundial valores éticos, circunscritos a determinados povos originários e comunidades tradicionais, como o respeito ao outro e ao meio ambiente, a cooperação, os limites do poder e as noções de propriedade como um bem comum, redirecionaria profundamente a organização social, priorizando mais o que nos aproxima do que aquilo que nos diferencia. Assim, produzir novos questionamentos e expressões artísticas que invertam os conceitos dominantes, significa lutar contra a automação do pensamento e da vida social, mecanismo que, através da repetição contínua, reproduz conceitos e valores deslocados dos contextos originais do sujeito que reproduz. Do mesmo modo, a identidade não deve ser compreendida como imutável, focada apenas naquilo que nos separa do outro, mas, como um conjunto móvel de características que nos diferenciam e também nos aproximam. Portanto, despertar nossas memórias ancestrais, coletivas, e desdobrá-las na contemporaneidade, possibilita a reconstrução do papel que desempenhamos na história, não mais como agentes passivos, mas como protagonistas, criadores de nossa cultura e não apenas repetidores das culturas alheias.

## 2.1 Percutindo Mundos

Nesse sentido, a criação do Percutindo Mundos foi um importante veículo de contestação, ao propor novas relações culturais e propiciar um campo expandido de experimentação na arte. Através de criações que unem diversas linguagens artísticas, ligadas pela ressignificação de identidades culturais, sua música é caracterizada pela composição em tempo real, a harmonia dos timbres, a aleatoriedade, a melodia percussiva e a música-cinema (fragmentação de ruídos, discursos, filmes). Em sua criação musical mesclam-se literatura, dança, artes visuais e filosofia, através de paisagens sonoras que remetem à influência das culturas indígena, europeia e africana, misturadas à urbanidade e ao cosmopolitismo. No conjunto de suas inspirações e identificações, destacam-se o compositor Gilberto Ambrósio Garcia Mendes, o experimentalismo de Livio Tragtenberg, o microtonalismo e a criação de instrumentos musicais de Walter Smetak, o pluralismo da Vanguarda Paulistana, como em Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção; o movimento punk,

a antropofagia, a Tropicália, a afrociberdelia do movimento Mangue Beat e, essencialmente, a reinvenção da cultura caçara: a arte como utopia, ressignificação, ato demiúrgico, ou como comenta o escritor Marcelo Ariel, no prefácio de *Macunaíabladerunner* (Barreto, 2015):

[...] uma experiência inventiva, fundadora e identitária, parece ser o vetor do trabalho do músico e escritor Márcio Barreto, algo que ele mesmo denomina arte contemporânea caçara, arte no sentido do fazer e da manufatura vistos como expressões da vida interior. A escrita, fragmento essencial do registro da imaterialidade da música, a partitura, a letra e o poema, são vistos por ele como partes de um mesmo todo sígnico (p. 10).

O jornalista Fabricio Vieira (2017), do site *FreeForm, FreeJazz*, observa conceitos intrínsecos à arte caçara, ressaltando a relação com Gilberto Mendes e Livio Tragtenberg quanto às suas participações no primeiro álbum do coletivo Percutindo Mundos, *O cinema Invisível* (2015), que teve também a atuação de Laert Sarrumor, do grupo Língua de Trapo, ligado à Vanguarda Paulista:

Projeto do coletivo vindo de Santos, liderado pelo artista Márcio Barreto, o Percutindo Mundos surgiu a partir de pesquisas sobre a relação da identidade cultural caçara com a contemporaneidade. Brasilidades, improvisação, artes visuais tudo entra em cena para estruturar uma criação ousada e multilinguística. O álbum traz ainda participações especiais de figuras centrais na cena contemporânea nacional: Gilberto Mendes (1922-2016) e Livio Tragtenberg. Em oito temas, feitos para serem escutados ininterruptamente, o ouvinte é convidado a um passeio sonoro por estranhas possibilidades canceioneiras, improvisação, paisagem sonora e interferências que remetem ao universo visual-cinematográfico, como na voz de Glauber Rocha ecoando na abertura de “Nu”. (Barreto, 2024).

Segundo o jornalista Marcus Vinicius Baptista:

Assistir ao Percutindo Mundos é entender que se está diante de um processo singular. É um traçado que rasga as linhas óbvias da cultura de massa. Se o maestro Gilberto Mendes é a inspiração, o mar interpreta o fio condutor dos olhares [...] Este grupo resiste e insiste em nos indicar que é possível

figurar, limpar e digerir uma cultura local, impregnada de experiências pessoais, porém atenta à dinâmica social e política do litoral. Esta cultura caçara em gestação (luto contra a tentação da palavra “nova” pelo reducionismo do rótulo) é coletiva, embora respeite as individualidades artísticas, num diálogo horizontal [...] É mais uma página para a celebração cultural (e revolução política) que começa a se desenhar, a seu próprio caminho caçara, na cidade. (ANEXO F).

Dentro deste contexto, podemos ressaltar a percepção de uma cultura embrionária que se diferencia da cultura tradicional caçara, fornecendo novos recortes semânticos para as questões étnicas e culturais, que se expandem através de conceitos de horizontalidade, consubstancialidade e aleatoriedade. O escritor Marcelo Ariel acrescenta que:

O Coletivo Percutindo Mundos trabalha dentro da chamada visão arquitetônica da música, na invenção de paisagens sonoras que seu idealizador o smetakiano Márcio Barreto chama de cinema, operando um deslocamento metafórico conceitual da música de invenção cuja alma é o improviso, podemos falar em um procedimento selvagem no sentido de espontâneo e autêntico de recuperação dos movimentos originários dos processos de criação musical? Creio que sim, tendo como vetores o cruzamento entre estes procedimentos e uma visão jazzística da música caçara, das bases percussivas das tradições musicais orientais e africanas, do modus operandi do punk rock de bandas como Inocentes, Cólera e Dead Kennedys isto em uma inusitada e constante amálgama com as leituras de poemas, teses de revisionismo histórico-genético do povo Brasileiro, diálogos profundos com Walter Smetak, UAKTI, Pink Floyd e com a antropofagia de Oswald & Mário de Andrade (Barreto, 2024).

Unir a cultura caçara à arte contemporânea, a tradição ao experimentalismo, o local ao universal, possibilita um estado de transcontemporaneidade, onde passado e presente unem-se a um estado de devir, de obra em aberto, de composição em tempo real que se estrutura através de camadas multilinguísticas, onde o objeto-arte é a própria realidade que nos cerca. A aproximação de Gilberto Mendes com a cultura caçara ilustra essa potencialidade: a procura por novos modos de se fazer arte, baseados em antagonismos e

complementariedades, em uma visão horizontal e móvel dos signos identitários que compõem nosso imaginário coletivo e nosso sentimento de mundo. Ou como comenta o escritor Flávio Viegas Amoreira (Barreto, 2015):

Rapsódia polissêmica, assim com veemente espanto apresento a obra do artista multimídia e demiurgo caçara Márcio Barreto. Linguagem ressignificada, práxis telúrica alinhavada com perícia de pajelança lírica epopeica transmutando em transe melopaico a saga de Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo no hibridismo de Tarsila, Anita sonorizadas sem preconceitos estéticos na intersecção de Mignone até Gilberto Mendes, patriarca desse nosso compartilhado sentimento atlântico do mundo aqui traçado (p.11).

A arte contemporânea caçara comporta referências à cultura indígena, europeia e africana, onde misturam-se as linguagens artísticas como instrumento de expressão multissensorial, sinestésica, onde o evento sonoro mistura-se com a literatura, teatro, cinema, dança, artes visuais, circo e performance, em um processo onde sua *poéisis* acontece na *práxis*, um estado de composição em tempo real na construção de paisagens sonoras, em que o ouvinte se vê inserido dentro do objeto-arte, inclusive, participando musicalmente através de instrumentos que são compartilhados em improvisações com o público, o que traz novas e maiores possibilidades de composição em tempo real. A instrumentação é formada por instrumentos que remetem às culturas originais, como os instrumentos ligados à cultura europeia, (piano, clarinete, clarone, trompete, baixo, etc.), os ligados diretamente à cultura caçara (o adufo e a rabeca, de origem árabe e trazida para o Brasil nos primeiros anos da colonização portuguesa), como também os elementos percussivos de origem árabe e africana, (tambores, pandeiros), e os da cultura indígena (flauta, apito, pau-de-chuva entre outros), bem como os instrumentos inventados (quimbau, omnitabula, ronda smetakiana, ovo-de-smetak, pindocefalorama, gritante). A construção e invenção de instrumentos musicais, na obra do coletivo, permite novas sonoridades que extrapolam a escala musical convencional, possibilitando combinações microtonais, timbrísticas, emprestando à sua música um caráter de singularidade. O músico João Matos relata os impactos causados pelos instrumentos:

Vejo que a capacidade de criar novos instrumentos é muito grande. Instrumentos bem diversificados e muitos destes bem elaborados, com vários mecanismos interagindo sonoramente. Ao ouvirmos os sons emitidos por instrumentos tão únicos como esses e creio também que a construção de outro jamais será igual ao primeiro, o som realmente traz uma singularidade invejosamente única, uma desconectividade total com o que a sociedade conhece como música. (Barreto, 2024)

Os instrumentos, além de uma sonoridade singular, constituem-se de um unicidade plástica, visual, e são

pensados para a execução individual e coletiva para músicos e não-músicos. Alguns são inspirados no universo de Walter Smetak ( ), outros são influenciados por instrumentos da cultura popular (quimbau), outros ainda são projetados para a dança (ovo-de-smetak, pindocefalorama). Tal instrumentação possibilita um variado campo de criação, onde a aleatoriedade, o improviso e a composição em tempo real são características essenciais de sua práxis. Outro ponto importante refere-se ao pensamento que diminui a distância entre artistas e público, no sentido de que os instrumentos são projetados para que qualquer pessoa possa experimentar e fazer música.



Figura 1 - Fotografia do instrumento “ovo-de-smetak”. Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Christina Amorim.



Figura 2 – Fotografia do instrumento musical “gritante”. Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Christina Amorim.



Figura 3 – Fotografia do instrumento “pindocefalorama”. Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Lairton Carvalho



Figura 4 – Fotografia – instrumentos “quimbau” e “ronda smetakiana” (da esquerda para a direita). Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Christina Amorim

Outro elemento característico do processo composicional é o uso da música-cinema, formada através da reconfiguração de ruídos e sons eletronicamente alterados, fragmentos de discursos, depoimentos, diálogos, filmes e músicas, sendo muitas vezes utilizada através de projeção de vídeo (*video mapping*). Na discografia do coletivo Percutindo Mundos constam os álbuns: *O cinema invisível* (2014,) *O ovo de Smetak*, (2015) *Cantos do Macuco*, *Fumando como um porco*, *Pequeno ex-tudo sobre o mar*, *Transsubstanciação*, *Dentro do objeto que não existe*, *Os mares de Mendes*. A seguir o resumo e o link de acesso para as seguintes obras:

- *O ovo de Smetak - seis modos diferente de se intuir o óbvio*. Uma recriação sobre o universo de Anton Walter Smetak. Seus textos, suas pesquisas sonoras e visuais são fragmentadas e reconstruídas pela improvisação da música, da dança e da interação audiovisual. Da poética do cinema mudo ao ruído das cidades, da fragmentação do cotidiano à recombinação de camadas narrativas onde a dramaturgia virtualiza a paisagem sonora e recombina signos e linguagens. A escuta como relação inter-semiótica de ruídos, diálogos, sons, discursos, o cinema invisível, a tecnologia artesanal. As novas possibilidades narrativas na música através da composição em tempo real em processos multi-linguísticos envolvendo a literatura, a dança, o vídeo e a filosofia relacionados à Walter Smetak. A instrumentação é composta por instrumentos artesanais (quimbau, ovo smetakiano, berimbarco, tum, ronda smetakiana), percussão corporal e instrumentos convencionais (rabeça, viola erudita, clarinete, trompete, trombone e percussão). Ao final o público é convidado ao palco para uma improvisação coletiva de dança e música. Disponível em: [https://youtu.be/ZsmY9bef\\_GA](https://youtu.be/ZsmY9bef_GA)

- *A mulher-peixe e o mar das desmemórias*. Uma investigação sobre a identidade cultural caiçara, onde atração e repulsa / corpo e projeção / degradação e poética / amor e violência / espaço e movimento se mesclam para a criação de um mito moderno representado por estados que transitam entre o ir e o ficar, o habitar e o não-habitar, a identidade e a não-identidade. A partir do mito da "terra sem males" - de origem guarani, a pesquisa traça um paralelo entre a busca da felicidade, seus caminhos bifurcantes e o embate entre realidade e sonho, memória e desmemória, violência e

submissão. O que gera neste corpo a interconexão desses elementos? Como é o gesto frente à memória que se perde? Um corpo que habita uma sociedade profundamente organizada e automatizada pode acordar suas memórias e ressignifica-las? Para quê? Disponível em: <https://vimeo.com/139020410>

- *Percutindo Mundos: o imponderável estado do mar*. Concerto em comemoração ao Centenário do compositor Gilberto Mendes. Com Arrigo Barnabé, Julio Medaglia, Jota Amaral, Livio Tragtenberg, Márcio Barreto e Natalia Barros. Instrumentação: voz, piano, clarone, clarinete, sax, rabeça, quimbau, ronda smetakiana, música-cinema. Direção: Márcio Barreto. Disponível em: <https://youtu.be/oUpzG9DOK3k>

Nas referidas obras encontramos os temas discutidos anteriormente como matéria para a criação artística, onde as referências horizontais à cultura originárias, somam-se à fusão das fronteiras da música folclórica, popular, experimental e música de concerto, o que ilustra a procura por novos modos de pensar a cultura, arte e identidade, no sentido de diminuir suas fronteiras e expandir seu território semântico, como pode ser observada na relação com o compositor Gilberto Mendes e os eventos que sucederam a este encontro.

## 2.2 Os mares e mundos de Gilberto Mendes

Dada a complexidade, profundidade e abrangência da obra de Gilberto Mendes (1922-2016), muitos são os possíveis recortes na tentativa de compreendê-la. Com uma produção extensa e múltipla, acompanhada pela longevidade e pelo espírito crítico que o definiu até seus últimos dias, é possível encontrar uma relação intertextual em suas peças, onde diversas linguagens, estilos e citações convergem em seu processo criativo. Além de compositor, Gilberto Mendes enveredou pelo cinema e literatura, atuando também como produtor cultural na criação e organização do Festival Música Nova (Santos, 1962) e participando ativamente de movimentos culturais e políticos. Autodidata, compunha para se sentir no direito de ouvir os grandes compositores, que tanto o inspiraram e por ele, de um modo ou outro, foram citados no bojo de sua obra - obra de grande variedade de

gêneros, capaz de suscitar uma profunda discussão sobre a natureza do som e sua percepção, a escuta como agente criador. Outro fato importante deve-se a noção, claramente expressa em obras cuja música-teatro é o principal elemento criativo, de que o público faz parte do acontecimento artístico, criando uma virtualidade de 360°, uma expansão da obra que rompe o lugar comum entre o artista e público, lugar este tão característico do teatro italiano e salas de concerto. Além disso, temos ainda o humor, elemento central em algumas obras, onde o *status quo*, que cerca a ambiência erudita, é quebrado através do gesto enquanto música, como acontece em *Santos Football Music* (1969), *Ópera aberta* (1976) e *Último tango em Vila Parisi* (1987), peças onde o inesperado irrompe com a força do humor.

Apesar de ter nascido, crescido e falecido em Santos, Gilberto Mendes era um cidadão do mundo, acostumado com o cosmopolitismo que o porto trazia através de seus intermináveis navios e das incessantes viagens que fazia para os concertos de suas peças ou para lecionar em universidades na Europa e Estados Unidos. Desse modo, o mar, o apito dos navios na barra, as longas caminhadas na praia e o vento noroeste misturam-se a um sentimento de mundo, onde diversas culturas se impactam e influenciam Gilberto Mendes. É preciso uma arte que expanda a consciência, que diversifique as percepções, o horizonte do conhecimento, da imaginação, da inventividade, do pensamento crítico, questionador, pois a arte e a cultura, assim como as ciências, morrem quando deixam de inquirir. Questionar é estar em um mundo em movimento. E nesse sentido, Gilberto Mendes foi um grande questionador, como pode ser observado em seu envolvimento com as lutas sociais e políticas que marcaram sua vida, como a filiação ao Partido Comunista Brasileiro e o caráter político de suas obras, entre elas *Mamãe quero votar* (1984), *O anjo esquerdo da história* (1997) – com texto de Haroldo de Campos em homenagem aos Sem Terra assassinados em abril de 1996, em Eldorado dos Carajás (PA) e *Vila Socó, meu amor* (1984) homenagem aos 93 mortos no incêndio da favela Vila Socó, de Cubatão (SP).

Conheci Gilberto Mendes em sua casa, na cidade de Santos, em 2009, e desde então criamos uma relação de amizade. A procura de ambos por uma linguagem musical nova, original,

por processos de composição que expandissem os limites da música, do signo sonoro enquanto elemento combinatório, referencial, ao mesmo tempo local e universal, representou um elo imediato entre nossas inquietações. A partir de então, convidei-o para participar de diversos eventos que articulávamos em torno do que chamamos de “arte contemporânea caiçara”, uma arte, nas palavras de Livio Tragtenberg, “com os pés na areia e os olhos no horizonte”. Uma arte que une o local e o global, a ancestralidade e a contemporaneidade, o tradicional e o experimental através da mítica ilha de São Vicente que carrega em suas praias, portos e porões a história do mundo. E nesse sentido, Gilberto Mendes se aproxima da arte contemporânea caiçara, como comenta Cacá Machado no texto para o álbum *Alegres Trópicos* (Osesp, 2013): “[...] a inquietação do compositor em busca da construção de uma linguagem autoral profundamente inserida em seu ambiente local e ao mesmo tempo em sintonia com o mundo (p. 7)”.

Do bom gosto saturado pelo esnobismo típico das salas de concerto com seus repetitivos programas, Gilberto Mendes possibilitou um encontro rico, dando origem a uma parceria que culminou em uma série de eventos com sua ativa participação. O primeiro foi a Virada Caiçara, em São Vicente, em 2010, com mais de 50 artistas e pesquisadores do Litoral Paulista e região da Grande São Paulo, envolvendo São Vicente, Santos, Praia Grande, Cubatão, Cananéia, Ubatuba, Paraty (RJ), São Paulo, Diadema, Santo André e Mauá em torno da cultura caiçara contemporânea. *Ácidos Trópicos*, uma livre criação sobre a obra de Gilberto Mendes (2011), foi minha primeira obra em sua homenagem, uma obra em aberto com música, teatro, dança, cinema e literatura. O título foi inspirado em *Alegres Trópicos, Um Baile na Mata Atlântica* (2006), que comporta muitos dos elementos da cultura contemporânea caiçara, como vemos no texto da música:

O grande baile na mata atlântica  
 Vamos dançar, vamos dançar  
 Alegres trópicos convidam  
 Convidamos a dançar  
 Shall we dance, shall we  
 Convidam todos os animais  
 Feliz pardaliz artibeus lituratus caymã  
 Latirus tris ipomeapesca prae amazilial Chondrichthyes  
 anopheles reptilia chondrichthyes  
 Reptilia mammalia amphibia anopheles Invitation à la danse  
 Vamos dançar  
 Feliz pardaliz phylomedusa  
 Burmeisteri phylomedusa  
 Vamos dançar na mata atlântica  
 Phylodias amazila feliz pardaliz  
 Phylodrias feliz pardaliz  
 A louatta fusca Arami descanjaneara Phylomedusa  
 burmeisteri  
 Shall we dance,  
 Invitation à la valse  
 Phylomedusa Tinamu solitaries polychrusacutirostris Tchu  
 tchururutchutchu Lá longe o belo mar selvagem  
 Chuva no mar é desejo  
 A louatta fusca polychrusacutirostris Poospiza lateralis  
 Gônio psiscruentata gônio psiscruentata Morlleana  
 Ao longe o belo mar selvagem  
 Acabou o baile na mata atlântica  
 Acabou a dança adeus goodbye adieu adieu

Desde as referências aos poetas Vicente de Carvalho (“...belo mar selvagem”) e Flávio Viegas Amoreira (“...chuva no mar é desejo”) aos nomes em latim de animais e as expressões em francês e inglês, bem como a referência ao livro *Tristes trópicos* de Levy-Strauss, denotam a consubstanciação de culturas díspares que na obra delineiam um estado de presença, um ideal de união entre a mata, os animais e humanos através da música e do convite à dança, ao baile que acaba com o adeus. Levando-se em conta que, de acordo com a Fundação SOS Mata Atlântica, atualmente, restam apenas 12,4% da mata original, e ressaltando que ela está intimamente ligada à história do Brasil e da cultura caiçara, podemos afirmar que nessa obra, há uma visão com fortes elementos da cultura caiçara. Ou mesmo antes, como na música *Peixes de Prata* (1955) com texto da escritora santista

Antonieta Dias de Moraes, que foi tema do longa-metragem *O dono do mar* (2005) com direção de Odorico Mendes, filho de Gilberto. Assim, o mar, a terra e a urbanidade do litoral paulista vão se tornando elementos comuns em sua obra, como em *Sinfonia dos navios andantes* (2009) baseada em texto do escritor Flávio Viegas Amoreira sobre uma tentativa de proibir os apitos de navios que partem do porto – uma das lembranças mais caras da juventude do compositor, ou ainda em *Vento Noroeste* (1982), dedicada ao pianista Caio Pagano, na qual uma melodia sugere o espírito desse vento junto às praias de Santos, obra que evidencia o complexo repertório para piano de Gilberto Mendes através do uso de citações musicais que vão dos *Prelúdios* de Chopin (1835 a 1839) aos processos de composição dodecafônica e ao minimalismo do século XX. Podemos afirmar que muitos elementos da obra e pensamento de Gilberto Mendes são comuns à arte contemporânea caiçara, através do uso de elementos que misturam natureza e urbanidade, tradição e experimentalismo, ancestralidade e contemporaneidade.

A pesquisadora Heloísa de A. Duarte Valente (2014), em resenha sobre o compositor, comenta sua identidade caiçara: “Gilberto Mendes, um caiçara urbano conduz o timão que o leva dos Mares do Sul à Avenida Nievsky (p. 266).” Entretanto, a questão tange o difícil terreno da autoidentificação. Certa vez, na realização de uma edição do *Sarau Caiçara* em sua homenagem, na Pinacoteca Benedito Calixto, em Santos (2011), ao dar seu depoimento, Gilberto Mendes agradece e diz que não se considera caiçara, mesmo que notadamente reconhecido como tal, evidenciando esse comportamento de autonegação comum na história. Porém, apesar de não se autorreconhecer como caiçara, Gilberto Mendes demonstra em sua poética o que é ser caiçara, em seu sentido expandido, natural e urbano, em sua relação com o outro, o mar, o local e o mundo. De certo modo, a poética de um autor precipita-se rumo ao desconhecido, esse desdobramento do momento da criação em seu futuro.

### 2.3 A poética como documentação histórica

Visto o processo de fragmentação da memória coletiva caiçara em nossa região, foi necessária a criação de uma editora que assegurasse a documentação do momento

histórico, o processo criativo e as obras dos artistas, assim como as reflexões de pesquisadores e pensadores acerca da cultura contemporânea caíçara. Com esse intuito, a editora Imaginário Coletivo foi criada em 2015, através do desdobramento da Edições Caiçaras (2009), uma pequena editora artesanal inspirada nas cartoneras da América Latina, principalmente na Sereia Ca(n)tadora, de Santos, e na Dulcinéia Catadora, de São Paulo. Nasceu pela dificuldade homérica e labiríntica em publicar livros por uma editora convencional.

Ao acreditar nas editoras artesanais e independentes como um modo de reavivar o ideal punk do “faça você mesmo”, incentivando a autogestão, algo que está se perdendo em nossa sociedade tecnocrata, prioriza um diálogo profundo com a Internet e com as literaturas locais do Brasil. Com uma linha editorial direcionada às questões contemporâneas, seu catálogo inclui nomes como Gilberto Mendes, Júlio Medaglia, Rubens Russomanno Ricciardi, Livio Tragtenberg, Flávio Viegas Amoreira, Marcelo Ariel, Madô Martins, Regina Alonso e escritores do além mar como o poeta português Luis Serguilha que organiza anualmente o Raias Poéticas, importante encontro de literatura de língua portuguesa em Famalicão, Portugal. Para diversificar e resolver questões como distribuição, a editora investe em pequenas tiragens de cem a mil exemplares, comercializadas através de lançamentos, debates, oficinas, feiras literárias e projetos socioeducativos, voltados à aproximação dos leitores com os autores, em centros culturais, universidades, escolas e regiões de maior vulnerabilidade e isolamento social. A escolha dos títulos se dá através do diálogo constante com os escritores, com temas que incluem a pesquisa da identidade cultural caíçara, como na antologia *Mar Selvagem, Vicente de Carvalho revisitado*, com poetas do Brasil e Portugal, a denúncia social com livros como *Cracolândia: território do abraço*, do jornalista Lincoln Spada, ou ainda *Memórias na Pele*, do ativista político Bartolomeu Pereira Souza, questões existências e ontológicas como no romance do escritor Marcelo Ariel *O doutor imponderável contra o onirismo groove*, ou no ensaio *Obras Cadáveres*, do escritor e editor Ademir Demarchi, e, principalmente, a poesia de escritores como Flávio Viegas Amoreira (*Desaforismos, Mar por perto, Pessoa doutra margem*),

Madô Martins (*Perdas & Danos, Outras marés, Pequenice*), Luis Serguilha (*Anga ibiisi*, Portugal), Jorge Melícias (*Excídios*, Portugal), Maria José Goldschmidt (*Territórios Invisíveis*), entre outros. Com projetos gráficos elaborados e conteúdo selecionado, a editora nasceu pela dificuldade em publicar livros em uma editora convencional, assim, primeiro fundou-se a Edições Caiçaras (artesanal) que forneceu a experiência necessária para abrir a Imaginário Coletivo, com a publicação do livro *Macunaíabladerunner* (Barreto, 2015). A partir de então, começa a publicar os escritores que mantêm uma relação de proximidade de ideias e ações culturais. Seu trabalho rendeu diversos frutos, como a inserção na mídia especializada em literatura através de resenhas e matérias em sites, jornais e veículos como Globo News, G1, Folha de São Paulo, A Tribuna, e também o interesse de cineastas pela história da editora, como nos documentários *O homem que voava com os peixes* (2015), direção de Gael Mota e Raquel Munhoz, *O Caiçara Experimental* (2016), de Neio Mustafa, e *História Oral da Gente de Santos* (2018), de Dino Menezes e Camila Genaro. A editora divulga também suas publicações através de obras multilinguísticas (música, dança, cinema, performance, teatro, fotografia) do coletivo Percutindo Mundos, onde a literatura contemporânea tem papel importante nas parcerias com outros artistas, como os compositores Gilberto Mendes, Livio Tragtenberg, José Miguel Wisnik, Arrigo Barnabé, entre outros. *Whitman, meu Brother*, do poeta Flávio Viegas Amoreira, em comemoração ao escritor norte-americano Walt Whitman (1819-1892) foi um dos livros do autor lançado pela editora. Em seu livro anterior *Pessoa doutra margem*, Viegas retrata a relação poética com o escritor português Fernando Pessoa, livro que conta com ilustrações do artista Costa Villar. Flávio comenta que:

[...] a Imaginário Coletivo foi, com seu surgimento num momento de crise cultural, o mais importante fenômeno artístico dessa importante costa paulista e canalizador vital da produção literária de escritores inseridos no contexto nacional a partir de Santos (informação verbal).<sup>1</sup> Madô Martins (2019), escritora e ex-colunista do jornal A Tribuna (Santos /SP), comenta sobre a editora:

1 - Informação fornecida por Flávio Viegas Amoreira durante a 5ª Semana da Cultura Caiçara de Santos, 2019.

Há anos, aposto todas as fichas no *feeling* de Márcio Barreto, responsável pela editora Imaginário Coletivo, em que publiquei, em 2018, *Pequenice*, livro de minicontos sobre memórias da infância, entrando para a constelação de autores que a editora reúne em sua cuidadosa coleção de títulos. Antes, pelo selo Edições Caiçara, já tínhamos sido parceiros nas obras artesanais *Perdas & Danos* e *Outras marés*. E espero que nossa produção conjunta não pare por aqui (informação verbal).<sup>2</sup>

Regina Alonso, escritora santista, acrescenta: “A Editora Imaginário Coletivo atrai os autores pela qualidade e beleza do trabalho criativo de Márcio Barreto. O atendimento é exemplar. Barreto acompanha todas as etapas, inclusive o lançamento” (informação verbal).<sup>3</sup>

Dessa forma, através de uma linha editorial voltada para as questões que norteiam a cultura caiçara contemporânea, desde a criação artística às reflexões desenvolvidas por pesquisadores, interesse pelos problemas do momento, a editora busca por especificidades materiais brasileiras na editoração e na documentação histórica e divulgação da cultura contemporânea caiçara. A seguir, o catálogo da editora:

**Poesia** – *O Novo em Folha* (2010), Márcio Barreto; *Nietzsche ou do que é feito o arco dos violinos* (2011), Márcio Barreto; *Pequena Cartografia da Poesia Brasileira Contemporânea* (2011), Marcelo Ariel (Org.); *Perdas & Danos* (2012), Madô Martins; *Mundocorpo* (2012), Márcio Barreto; *Peixe-palavra, poesias caiçaras* (2012), Domingos Santos; *Outras Marés* (2013), Madô Martins; *Poemas Sinfônicos* (2013), Danilo Nunes; *Mar por perto* (2013), Flávio Viegas Amoreira; *Guarujá: Rimbaud e Artaud navegando a Ilha do Dragão* (2013), Flávio Viegas Amoreira; *Anga ibiisi* (2012), Luis Serguilha (Portugal); *Excídios* (2013), Jorge Melícias (Portugal); *Macunaimabladerunner* (2015), Márcio Barreto; *Mar Selvagem* (2017), Márcio Barreto (Org.); *Territórios Invisíveis* (2018) – Maria José F. Goldschmidt; *Pessoa doutra margem* (2018), Flávio Viegas Amoreira; *A desmemória e seus outros nomes* (2018), Márcio Barreto; *Três amigos, um livro e muitos poemas*

(2019), Clayton D. Ribeiro, Michel Leite Viana, Sonia L. L. Neves; *Poesia mínima* (2019), José Eduardo de Lima; *Outras Palavras 9* (2019), Regina Alonso (Org.), Teresa Teixeira (Org.); *Trança d'água* (2019), Regina Alonso; *Balaio do Trepeça* (2019), Odair Dias; *O Galo Urbano* (2019), Sérgio Paolozzi; *Poetando* (2019), Deise Domingos Gainini (Org. – Sociedade dos Poetas Vivos); *Whitman, meu brother* (2019), Flávio Viegas Amoreira; *A palavra exata* (2020), Sergio Paolozzi; *Prímulas* (2021), Madô Martins, Maria Goldschmidt, Rosa da Costa, Teresa Teixeira; *Diplomacia do corpo* (2021), Sérgio Paolozzi; *O mar de Minas* (2021), Márcio Barreto; *Ganesha ou o mistério do mundo* (2022), Márcio Barreto; *Alma transversa* (2022), Plínio Alvarenga; *Mar Caiçara* (2022), Márcio Barreto (Org.); *A voz da resistência* (2022), Alexandre Souza; *Poeminhas para ler e pintar 2* (2022), Clayton Diogenes Ribeiro, Michel Leite Viana; *O corpo revisitado*(2023), Márcio Barreto; *Luta e liberdade* (2023), Bartolomeu Pereira de Souza.

**Dramaturgia** – *Atro Coração* (2010), Márcio Barreto; *Ácidos Trópicos* (2011), Márcio Barreto.

**Ensaio** – *Obras Cadáveres* (2011), Ademir Demarch; *Desaforismos* (2012), Flávio Viegas Amoreira; *Meu Namoro com o Cinema* (2012), André Azenha; *Cracolândia: Território do Abraço* (2016), Lincoln Spada. *Santos de frente para o mundo* (2017), Barbara Muglia, Luciana Raccini; *Circo teatro: Uma Bella Companhia* (2018), Plínio Augusto; *Alguém disse cultura??* (2018), Adilson Felix; *Gilberto Mendes, notas biográficas* (2018), Flávio Viegas Amoreira; *O fim do Ministério da Cultura* (2021), Rafael Moreira, Lincoln Spada; *Memórias entrelaçadas* (2021), Anna Maria Del Fiorentino; *Teoria dos ruídos organizados* (2021), Edgar Henrique Siqueira; *Blues: the backseat music* (2022), Eugenio Martins Junior; *Poéticas do agora* (2022), Márcio Barreto (Org.); *Travessias* (2023), Maria Lisboa e Douglas Oliveira.

**Conto**: *Pequenice* (2018), Madô Martins; *Travesseirinho de plumas* (2018), Regina Alonso; *O segredo dos pássaros* (2019), Ana Lucia dos Santos; *Geral no parque* (2020), Michel Leite Viana; *Cantorias do povo de Guaiaó* (2020), Rafaella Martinez Vicentini; *Escritos do mar* (2021), Denise Oliveira (org.),

2 - Informação fornecida por Madô Martins durante a 5ª Semana da Cultura Caiçara de Santos, 2019.

3 - Informação fornecida por Regina Alonso durante a 5ª Semana da Cultura Caiçara de Santos, 2019.

Elissangela Leite (org.); *Pequeno livro dos grandes sonhos* (2022), Márcio Barreto.

**Crônicas:** *Velhos cadernos* (2019), Francisco Ubaldo Vieira; *O canto da cigarra* (2019), Sergio Paolozzi.

**História em Quadrinhos** – *Santos, cidade libertária* (2021), Bartolomeu Pereira de Souza, Kleber Nunes (ilustração); *O menino que voava com os peixes* (2023), Márcio Barreto; *No oceano-céu* (2023), Márcio Barreto; *Utópolis, em busca da terra sem males* (2023), Márcio Barreto.

**Romance** – *Teatrofantasma: O Doutor Imponderável contra o onirismo groove* (2012), Marcelo Ariel; *Bonde das Pretas* (2022), Julie Lua; *Totem* (2022), Márcio Barreto.

Quanto ao projeto gráfico, os livros seguem uma linha curatorial que prioriza a reconstrução imagética caiçara, através de formatos, cores e ilustrações que remetem ao nosso território cultural.

Afora o registro através da literatura, a documentação audiovisual foi outro instrumento importante para a preservação de nossa memória. Assim, a criação da produtora independente Ocano Films, possibilitou a produção de uma série de curtas, médias e longas metragens, entre documentários e obras de ficção, além de organizar mostras de cinema caiçara e debates. O registro das atividades realizadas pelos coletivos (apresentações artísticas, encontros, palestras, festivais) fornece um rico material de consulta para a compreensão da cultura caiçara contemporânea, no sentido de apontar suas trajetórias, questionamentos e delinear suas obras. Constam em seu catálogo as produções: *O anjo esquerdo* (2021); *O mar de Mendes* (2022); *Mar Selvagem* (2022); *Morrer na Praia* (2023); *Danças para Gilberto* (2023); *Americaiçara* (2023); *Gilberto Mendes: o que é a música* (2011); *Ctrl V - memórias do insondável* (2013); *Sobre meninas e barcos* (2020); *Arte Contemporânea Caiçara* (2019).

Por outro lado, o Instituto Ocano e o Projeto Canoa, ambos iniciados em 2007, em São Vicente, SP, direcionaram as pesquisas e a divulgação sobre a cultura contemporânea caiçara, sendo responsáveis por projetos continuados de

arte e sócio educação, e pela disseminação de núcleos de criação artística, como o Núcleo de Pesquisa do Movimento (que insere sua obra na dança contemporânea através de espetáculos e intervenções como *O jardim de Patrícia*, *Homo Ludens*, *A mulher que voava com os peixes*; *A mulher-peixe e o mar das abjeções*; *Mar em curva*, o Teatro Canoa (*Atro Coração*; *O ovo de Smetak*; *Ácidos Trópicos*) e o coletivo Percutindo Mundos (comentado anteriormente).

### 3 O Caiçara Expandido

Mário de Andrade (2016) brinda-nos com *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, rapsódia polimorfa de identidades recolhidas da cosmogonia popular, criando um retrato vivo dos pilares da identidade brasileira: o indígena, o europeu e o africano. O modernismo intensificou as questões identitárias ao enfatizar o multiculturalismo e repensar a história nacional como contraponto à dependência dos referenciais estrangeiros. O anti-herói, pleno de contradições morais, atravessado pelo mágico e pelo mundano, pelo trágico cotidiano da existência, mostra-nos quem somos através do que negamos: o índio-negro-branco, misturado, multifacetado, contrariado, silenciado e marginalizado por ideologias que continuam defendendo uma sociedade dividida por interesses econômicos. Arraigados em velhas concepções de mundo, onde a desigualdade social estrutura a realidade, onde a diversidade é rechaçada em nome de produtos culturais homogeneizados, pasteurizados por dogmas financeiros e disseminados pela hiper-realidade da informação, é preciso uma visão crítica da história, do colonialismo e do processo civilizatório que nos forma, para então, valorizar as culturas populares, negra e indígena, historicamente marginalizadas. Nesse sentido, Macunaíma é essencialmente caiçara, um índio-negro-branco que aponta a incompletude da civilização ameríndia, afro-brasileira, impregnada de conflitos e complementariedades, de histórias recentes e passados longínquos, cuja relação identitária é móvel, transitória, ainda que consistente e crítica. Nesse ponto, Mário de Andrade abre caminho para o novo, não como um agente destruidor das tradições, mas como alguém que vê no passado uma rica fonte de ressignificação, destoando dos demais modernistas que consideravam o passado como algo a ser esquecido, ou destruído. Poderíamos ainda pensar em Peri, antípoda de Macunaíma, idealizado por José de Alencar (2010) como um

símbolo de bondade, pureza e coragem. O *Guarani* ressalta a complexa relação entre as nações indígenas, representadas pelos *aimoré*, e a cobiça europeia. Peri mata seu povo pelo amor à Ceci – o ideal europeu, sofisticado e inalcançável, e quando traça seu derradeiro plano, depois abandonado, vale-se da mais atroz tradição indígena, o antropofagismo, tema que, no século seguinte, seria central no modernismo de Oswald de Andrade (2017). Por outro lado, Euclides da Cunha (2019) quando sentencia que o sertanejo “[...] não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral” (p. 94), demonstra um profundo sentimento de subestimação à cultura caíçara, ajudando a construir a ideia de uma gente cansada, fraca, preguiçosa, indolente, mal-humorada. Ao referir-se ao sertanejo (habitante do sertão – terreno coberto de mato, afastado do litoral), Euclides da Cunha não percebeu que o sertão é antes de tudo um lugar de denominação caíçara, o que demonstra claramente uma inversão de valores históricos e geográficos, visto que o Brasil começa no litoral e a partir dele se expande rumo ao sertão. Essas pequenas incursões na literatura, permitem-nos observar o quanto o caíçara foi relegado na história da formação da identidade nacional, vítima de uma prática constante de negação e invisibilização. Nesse sentido, trazer à tona os mitos que nos formam e delinea-los sob uma nova perspectiva, possibilita questionar os dogmas das culturas hegemônicas, cujo pragmatismo do lucro converte cultura em dominação e segregação, fragmentando as identidades individuais e coletivas, desvinculando-as de sua esfera política e criando uma sociedade de ególatras, autoexilados em ideais de riqueza e consumo, cerne das profundas desigualdades sociais que marcam a contemporaneidade.

Reinventar uma cultura local e expandir sua esfera de significação é, portanto, o esforço de erigir novas epistemologias que forneçam indicadores para a compreensão do binômio identidade e cultura. É, também, a tentativa de construir uma nova ética, uma identidade expandida, uma cultura de semelhanças, cuja ideia de coletividade possa assegurar a diversidade e a horizontalidade sobre as diferenças que nos caracterizam

enquanto indivíduos, grupos, países. Essa ressignificação é a capacidade que a própria cultura tem de representar e organizar o mundo em suas relações individuais e coletivas, de reinventar-se a cada mudança.

Por extensão, pensar o caíçara ajuda-nos a refletir sobre a identidade do continente americano, a partir de uma identidade comum, ainda que subterrânea, silenciosa e invisível. A história de cada um dos países que formam o continente americano, possui um processo em comum, uma gênese caíçara (indígenas, europeus e africanos) que possibilitou a formação de novas identidades nacionais a partir da violenta miscigenação entre indígenas autóctones, europeus e africanos. Essa gênese em comum, diferenciada pelo territórios e momentos históricos em que ocorreu, guarda muitos signos reconhecíveis, onde seus elementos originários são ressignificados e misturados continuamente. Em junho de 2023, participei, a convite da pesquisadora e crítica de arte uruguaia Ana Maria Barreto, do 16º Encontro Internacional de Escultores, ocorrido em Palmar, Soryano, Uruguai, onde pude observar o quanto a cultura caíçara é potencialmente autorreconhecível pelo povos latino-americanos, como podemos observar no depoimento de Wilson Bueno (artista e jornalista uruguaio): “Quando alguém vê, analisa, absorve, se dá conta que ele também pode ser caíçara [...] Se formos buscar, todos tem a ver com todos. Então, porque se negar a expandir-se?”<sup>4</sup> Como também, encontra-se nos questionamentos de Ana Maria Barreto esse autoreconhecimento caíçara, em seu sentido expandido e baseado na ideia de uma gênese em comum e do compartilhamento de seus signos culturais, como vemos a seguir:

Uma das questões que nos interpolam hoje como latino-americanos é a nossa identidade. Se é possível definir a arte latino-americana, e, portanto, construir uma filosofia que nos sustente. Não podemos separar o popular que vem das culturas originais e que se mistura primeiro com o branco europeu, depois com a contribuição afro e mais tarde com as múltiplas identidades provenientes das imigrações que tiveram lugar na história social da nossa América Latina.<sup>5</sup>

4 - *Americaiçaras* (curta-metragem, 2023). Direção Márcio Barreto. Disponível em: <https://youtu.be/OULS3yjiigQ?si=wtvDiPmMiv-qxauHM>. Acesso em: 04 set. 2023

5 - Artigo Arte e Identidade: o conceito de caíçara expandido (2023). No prelo.

O que antes estava associado a uma cultura de atrasos, hoje ganha nova leitura, havendo uma revalorização de suas representações, de elementos simbólicos, de referências identitárias e de pertencimento por parte daqueles que se identificam com a cultura caiçara contemporânea, oriunda, porém, diferenciada da cultura caiçara tradicional. Nesse sentido, é importante partir de uma premissa essencial: não é poque deixamos de viver como nossos antepassados, que deixamos de ser caiçaras, do mesmo modo, não deixamos de ser brasileiros porque não vivemos mais sob o regime das capitâneas hereditárias. A história de um povo é sempre marcada pelos signos da mudança e da adaptação, inclusive nas comunidades tradicionais, onde, hoje, se observa a transformação de suas manifestações culturais e no seu modo de vida, induzida pelas leis ambientais que instauram reservas ecológicas em seus territórios, ou pela especulação imobiliária, interesses turísticos, ou ainda, pelo inevitável contato entre a cultura tradicional e a cultura urbana.

Meus antepassados viviam no tempo dos bananais e pescarias, das crenças e simpatias, da religiosidade popular repleta de sincretismos, do gosto pela festa e pelo alimento compartilhado. E esses elementos, mesmo que misturados a outros signos culturais contemporâneos, fazem parte de quem sou e do momento em que vivo, sempre sujeito à constância das transformações e ressignificações. Assim, reconhecendo-me como caiçara, visto ter nascido no litoral e ter antepassados indígenas, europeus e africanos, além de carregar hábitos e crenças próprias dessa cultura, faço parte ativa do objeto dessa pesquisa, com a clara intenção de, não apenas, estudá-lo, mas, principalmente, modificá-lo, reinventá-lo e expandi-lo através de uma nova compreensão sobre a gênese e a identidade cultural dos povos americanos, não sob um prisma hierarquizante, que inferioriza as culturas indígenas e africanas e supervaloriza as culturas europeias e norte-americanas, mas, sob o viés da multiculturalidade, onde seus elementos não estão em situação superior ou inferior uns aos outros, mas estão continuamente se misturando e criando novos elementos. Portanto, ao inserir-me e modificar o objeto de estudo, procuro discutir a falácia dos distanciamentos e pseudoneutralidades típicas da ciência, da mesma ciência que separa a humanidade da natureza, o pensamento crítico do sentimento, o sujeito da coletividade e essencialmente, dessa ciência que ignora a

dúvida, esconde o erro e, muitas vezes, sustenta discursos hegemônicos e valida interesses elitistas, políticos e econômicos.

#### 4 Considerações Finais

É possível compreender e transformar uma cultura local, expandir seus conceitos de representação e eliciar novos campos simbólicos de atuação. Os dados coletados demonstram que essa cultura caiçara, inicialmente vinculada à ideia de atraso e de negação identitária (Diegues, 2004), foi transformada através de uma nova interpretação sobre sua história, acarretando mudanças em sua auto-representação que possibilitaram a expansão de sua cultura para o âmbito urbano. Nos anos em que se deu a pesquisa – 2008 a 2024, pude verificar a mudança dessa percepção no sentido de sua valorização, através de leis que inseriram a cultura caiçara nos calendários oficiais dos municípios da região da Baixada Santista e no âmbito estadual, como também, em manifestações culturais e artísticas que passaram a acontecer regularmente nesses territórios urbanos, como a Semana da Cultura Caiçara de Santos e de São Vicente, o Sarau Caiçara e a Mostra de Arte Contemporânea Caiçara.

Outro dado importante, é perceber que essa cultura é reconhecível por outros povos da América Latina, como verificado no Uruguai, no 16º Encontro Internacional de Arte (2023), em virtude de uma história em comum formada pelos ameríndios, europeus e africanos. Verifico, desse modo, que a cultura caiçara tem um potencial de reconhecimento identitário comum aos povos latino-americanos, o que de ser mais estudado futuramente. É preciso também, uma pesquisa quantitativa, estatística, através de entrevistas, sobre a auto-representação identitária que envolve o caiçara, para fins de comparação com o material qualitativo da pesquisa.

#### REFERÊNCIAS

- ABREU, Capistrano de. O descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.
- ADORNO, HORKHEIMER, Theodor e Max. Dialética do Esclarecimento. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

- ALENCAR, José de. O Guarani. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALMEIDA, Paulino de. Usos e costumes praianos. In: Revista do Arquivo Nacional. São Paulo, 1945.
- ALVES, Castro. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- AMOREIRA, Flávio Viegas. É a cultura! In: A desmemória e seus outros nomes, Márcio Barreto. Santos: Imaginário Coletivo, 2018.
- ANCHIETA, José de. Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.
- ANDRADE, Mario de. Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.
- ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropofágico e outros textos. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.
- ARIEL, Marcelo. Os mundos de Márcio Barreto. In: A desmemória e seus outros nomes. Márcio Barreto, Imaginário Coletivo, Santos, 2018.
- \_\_\_\_\_ Entrevista com Márcio Barreto. REVISTA PAUSA, Santos, 2015. Disponível em: <http://revistapausa.blogspot.com/2015/07/entrevista-com-marcio-barreto-sobre-o.html>. Acesso em: 24 ago. 2023.
- ASSIS, Machado de. Um homem célebre. In Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II.
- AZURARA, Gomes Eanes de. Crônica do descobrimento e da conquista da Guiné. Lisboa: publicações Europa-América, 1989.
- BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Tradução: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BARRETO, Márcio. Macunaímabladerunner. Santos: Imaginário Coletivo, 2015.
- \_\_\_\_\_ A desmemória e seus outros nomes. Santos: Imaginário Coletivo, 2018.
- \_\_\_\_\_ Poéticas do agora. Santos: Imaginário Coletivo, 2022.
- \_\_\_\_\_ A reinvenção do futuro, entre reconstrução de memórias e arte contemporânea. 2024. No prelo.
- BERTOLO, Gabriel. Narrativas do Espólio: uma etnografia sobre o fandango e a “perda” cultural caiçara (Cananéia/SP). 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. Os herdeiros: os estudantes e a cultura. Tradução: Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2014.
- CAMINHA, Pero Vaz de. Carta a El Rei D. Manuel. São Paulo: Dominus, 1963.
- CANCLINI, Néstor Garcia. Diferentes, desiguais e desconectados. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- \_\_\_\_\_ A Globalização imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- \_\_\_\_\_ O Mundo Inteiro como Lugar Estranho. São Paulo: Edusp, 2020
- CHRISTILIEB, Pablo Fernández. El espíritu de la calle: psicología política de la cultura cotidiana. Barcelona: Anthropos, 2004.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. A inconstância da alma selvagem (e outros ensaios de antropologia). São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- CRARY, Jonathan. 24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono. Tradução: Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- CUNHA, Euclides da. Os sertões. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.
- DERRIDA, Jacques. A escritura e a diferença. Tradução: Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- DIEGUES, Antonio Carlos S. (org.). Enciclopédia Caiçara. São

Paulo: HUCITEC: NUPAUP: CEC/USP, 2004.

\_\_\_\_\_ Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_ Povos e mares: leituras em sócio-antropologia marítima. São Paulo: NUPAUB: USP, 1995

\_\_\_\_\_ O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Hucitec, 1996.

EAGLETON, Terry. A ideia da cultura. Tradução: Sofia Rodrigues. Lisboa: Temas e Debates, 2003.

FANON, Frantz. Pele negra, mascaradas brancas. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu, 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da Língua Portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Tradução: Roberto Machado. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. São Paulo: Global, 2003.

GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi de Palmares*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. 10. ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2011.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10. ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

\_\_\_\_\_ Que “negro” é esse na cultura negra? In: Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Tradução: Adelaine La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HERZOG, Manoel. Nove Fora. In: A desmemória e seus outros nomes. Barreto, Márcio. Santos: Imaginário Coletivo, 2018.

HOLANDA, Sergio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_ Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JOYCE, James. Dublinenses. 1 ed. Tradução: Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia da Letras, 2018.

KAFKA. Franz. O castelo. Tradução: Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LÉRY, Jean de. Viagem à terra do Brasil. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1961.

LEVY-STRAUSS, Claude. Tristes trópicos. Tradução: Rosa Freire Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MCLUHAN, Marshall. Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem. Tradução: Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.

MELO, Karine. Brasil teve mais de mil pessoas resgatadas do trabalho escravo em 2019. Agência Brasil, 2020. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-01/brasil-teve-mais-de-mil-pessoas-resgatadas-do-trabalho-escravo-em>. Acesso em: 24 ago. 2023.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MUSSOLINI, Gioconda. Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro. In: Ensaios de antropologia indígena e caiçara. São Paulo: Paz & Terra, 1980.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. 5 ed. Tradução: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NARDI, Jean Baptiste. Cultura, identidade e língua nacional. Araparica: FUNESA, 2002.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. Método Moderno de Tupi Antigo. São Paulo: Global, 2005.

ORTIZ, Renato. A globalização imaginada. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2003.

ORWELL, George. 1984. Tradução: Heloisa Jahn e Alexandre Hubner. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução: e Dora Rocha Flaksman. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 2, n. 3, 1989.
- \_\_\_\_\_ Memória e identidade social. Tradução: Monique Augras. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992.
- PROUST, Marcel. Em busca do tempo perdido. Tradução: Fernando Py. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- RICCIARDI, Rubens Russomanno. Música Popular Brasileira Antiga. São Paulo: Editora Pharos, 2015.
- RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ROTY, Richard. A filosofia e o espelho da natureza. Tradução Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- ROSA, Guimarães. Grande sertão: veredas. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SARTRE, Jean-Paul. Entre quatro paredes. Tradução: Alcione Araújo e Pedro Hussak. 3ª ed. - Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007.
- SCHADEN, Egon. Os primitivos habitantes do território paulista. Ensaios paulistas: (contribuição de "O Estado de São Paulo" às comemorações do IV Centenário da Cidade). São Paulo: Anhambí, 1958. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001338361>. Acesso em: 01 set. 2023.
- SILVA, Luiz Geraldo. Da terra ao mar: por uma etnografia histórica do mundo caiçara. São Paulo: Enciclopédia Caiçara, v I, 2004.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Educação & Realidade, 1995.
- SOUZA, Bartolomeu Pereira. Memória na Pele: trajetórias, militâncias e resistência. Santos: Imaginário Coletivo, 2018.
- STADEN, Hans. Duas viagens ao Brasil. Porto Alegre: L&PM, 2021.
- THOMPSON, Edward Palmer. Costumes em comum. 1 ed. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. DiverCidade: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo. São Paulo: Educ, 2003.
- VEIGA, Edison. Retorno às origens no Japão para trabalhar como uma máquina. Deutsche Welle Brasil, Berlim, 17 dez. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/retorno-%C3%A0s-origens-no-jap%C3%A3o-para-trabalhar-como-uma-m%C3%A1quina/a-60104565?bclid=IwAR0m7J-TUOInAFoDuUmbai879ViCyWRj6j1LRE-Le6vcFL5D1ms-EPsTotxE>. Acesso em: 01/09/2023
- VALENTE, Heloísa de A. Duarte. Vivendo sua música, em uma sinfonia de navios andantes, com James Joyce e Dorothy Lamour - Apontamentos sobre Música, cinema do som, de Gilberto Mendes. São Paulo: Revista Significação, USP, 2014.
- VIEIRA, Antonio. Obra completa. São Paulo: Edições Loyola, 2018.
- VIEIRA, Fabricio. Nem free, nem jazz. FreeForm, FreeJazz, 7 mar. 2017. Disponível em: <http://www.freeformfreejazz.org/2017/03/nem-free-nem-jazz.html>. Acess: 24 ago. 2023.
- VILHENA, Luís Rodolfo. Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964. Rio de Janeiro: Funarte; Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- \_\_\_\_\_ Ensaios de antropologia. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997.
- WAGNER, Roy. A invenção da cultura. Tradução: Marcela Coelho e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naif, 2010.
- WEBER, Max. A 'objetividade' do conhecimento nas ciências sociais. Coleção Ensaios Comentados. Tradução Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 2006.
- WILLENS, Emilio. A Ilha de Búzios. São Paulo: NUPAUB, 2003.
- WILLIS, Paul. Aprendiendo a trabajar: cómo los chicos de la clase obrera consiguen trabajos de clase obrera. Madrid: Ediciones Akal, 2017.
- TAVARES, Eliane. A desumanização do trabalhador. Zona Curva, Santos, 27 jul. 2022. Disponível em: <https://www.zonacurva.com.br/desumanizacao-do-trabalhador/>. Acesso em: 24 ago. 2023.